

## Padre Luís

**A**tónica da nossa Páscoa foi, como previra e anunciara no último O GAIATO, a morte do nosso Padre Luís Barata. Esta, a de 2003, foi a sua Páscoa. Passou desta experiência terrena para o aconchego eterno do Pai e a Comunhão dos Santos no Céu.

Desde que vim para Paço de Sousa passei com ele, todos os dias, algum tempo — uma pequena conversa de confronto, de partilha, de desabafo, de recordação ou mesmo só de companhia; mas a nossa amizade era de há quarenta anos, desde o tempo em que o senhor Engenheiro Barata passava as suas férias na Casa do Gaiato, enquanto no Seminário estudava Teologia em ordem ao Sacerdócio, para vir a ser Padre da Rua.

Feito, em Coimbra, o Curso de Regente Agrícola, o jovem empregou-se na Junta do Azeite. A trahallar concluiu a Licenciatura em Agronomia.

Enquanto os colegas se instalaram na vida através do casamento e da profissão, o Engenheiro Luís Barata abandona as duas situações para abraçar o Sacerdócio no ideal do Padre Américo: — Dar vida aos Pobres na pobreza verdadeira, na ohediência às responsabilidades de uma paternidade sofrida e responsável dos filhos dos Pobres e assumir sobre si, a condição dos mais infelizes.

A Casa do Gaiato de Lisboa foi a «sua casa» e a de perto de um milhar de Rapazes que beneficiaram da sua paternidade.

Durante vinte e oito anos, fez peditórios nas Igrejas de Lisboa, bateu à porta de muita gente, visitou, inúmeras vezes, os bairros de lata da Capital, construiu a Aldeia da Casa do Gaiato de Lisboa.

Gastou-se quase, até à exaustão.

Uma personalidade forte, de antes quebrar que torcer, sofreu pessoalmente esta característica da sua individualidade, limitada como a de todos os homens, apesar de uma boa lucidez de inteligência e rectidão de carácter.

De coração sensível e afectivo, criou com muitos Rapazes e as suas famílias profundos laços de relação humana interdependente bem característicos da sua paternidade.

Homem de tal forma absorvido pela sua Casa que não aguentou permanecer nela quando, sentindo-se incapaz de a conduzir, pediu para ser substituído.

A Casa do Gaiato de Lisboa, foi sempre o grande enlevo do seu coração e os Rapazes que criou povoaram-lhe o pensamento e o afecto até à morte.

— Dói-me — desabafava — que muitos embevecidos com o mundo tenham virado as costas à prática disciplinar da fé. Fulano, sicrano, beltrano, etc. — dizia os nomes — deixou de ir à Missa.

Viveu uma pobreza heróica. Nela morreu e foi sepultado.

Não fez testamento. Nem declarações. Nem nada.

Pedi-me que lhe vestisse o cadáver com a alba da sua Missa Nova e que desejava ser enterrado no cemitério do Calvário ao lado dos restos mortais dos doentes ali falecidos; na simplicidade e na penúria dos sem-memória.

A forma mais eloquente de proclamar a Fé na Ressurreição e na Vida Eterna!...

O grão de trigo morre para dar fruto!

Morre para o mundo escondendo-se em Deus e n'Ele ser absorvido.

Como precisamos, hoje, de jovens — rapazes e raparigas — apanhados por este ideal?!...

Padre Acílio



## ENCONTROS em Lisboa

### *Chegou a Páscoa!*

**D**EPOIS do tempo quaresmal em que, muitas vezes, os acontecimentos se nos impunham ao rumo traçado, foi bom viver o Mistério Pascal: a Ceia do Senhor e a Instituição da Eucaristia; a Paixão e Morte do Senhor; o grito da esperança ao alvorecer do Domingo, em que a noite bendita testemunhou a Ressurreição.

No decorrer dos anos da nossa vida, foi um momento quase fugaz, submerso em mil outros acontecimentos. Diante de tudo o que nos rodeou, este ano, dei comigo a tentar perceber a Ressurreição através da força de esperança que animou as vidas de tantos homens e mulheres que, ao longo dos séculos, os fez avançar, contra ventos e marés, trilhando novos caminhos para o homem.

### *Padre Luís*

**N**ESTA Páscoa, em plena Semana Santa — Domingo de Ramos — chegou-nos a notícia do falecimento do senhor Padre Luís. Momento de silêncio para, junto de Deus, falar dele e o recordar.

Aqui, no Tojal, não é difícil recordá-lo. A sua presença está patente em todo o lado: o delinear e construir a actual Aldeia onde habitamos, o traçado das rnas e dos espaços, a Capela sonhada e iniciada com ele.

Depois e o mais importante: centenas de Rapazes encontraram nele a mão amiga e segura que os conduziu à integração social e ao êxito na vida.

Continua na página 4

### TRIBUNA DE COIMBRA

## Sepultado pobremente

**J**Á contávamos, mais dia menos dia, com a proximidade da morte do nosso Padre Luís. O seu enterro em segunda-feira santa foi para todos nós, certamente, um apelo a uma semana mais santa.

A oração que por ele dirigimos ao Senhor fez-me recordar o dia em que o conheci escutando-o na Igreja de Nossa Senhora do Amparo, em Lisboa. Ainda estava longe de me certificar, embora o procurasse, de esse destino de pregador do Evangelho dos Pobres, também seria o meu. Depois, encontrámo-nos algumas vezes no Tojal onde conversámos longamente sobre a Obra da Rua e o seu ser.

Quando, aluno, no Seminário dos Olivais, um dia se falava da pobreza na vida dos Padres, a certa altura o Padre Luís foi focado num testemunho impressionante do então Reitor, actual Patriarca: O Padre Luís tinha-lhe confidenciado durante um Conselho Presbiteral, que andava à volta do mesmo assunto, que a roupa que trazia vestida pertencera a um defunto... Jovens que

éramos, calou fundo este testemunho. Quando vim para a Obra, o primeiro Retiro que orientei foi aos seus Rapazes no Seminário de Alfragide. As recomendações que então me fez acerca da orientação que gostava que lhe desse, evidenciavam uma grande preocupação pelos problemas dos Rapazes.

Homem de uma memória invejável, nada lhe passava despercebido, dentro e fora da Obra. Durante muito tempo a sua participação no jornal O GAIATO era apreciada, assumindo algumas vezes um carácter clamoroso e de verdadeira denúncia e intervenção em matéria social.

Impressionou-nos o acompanhamento à sepultura, no cemitério do Calvário. Nem «dignidades» nem representações. Sepultado pobremente entre os Pobres do Calvário, falecidos. Cova funda e rasa; terra preta bem no fundo e cuidadosamente aconchegada ao caixão, como se faz à semente de qualidade. Ali jaz o senhor Engenheiro que foi Padre e Pai de muitos filhos sem pais e de tantos Pobres sem

amor. Que epitáfios não lhe colocaria o mundo sempre ávido de fama e nome! Sepultura funda e rasa! Alguém levava uma flor na mão deixando correr sobre ela algumas lágrimas. Era um filho seu que ele um dia acolhera e criara com todo o amor possível. Ó beleza! Três dias depois, escutando o Bispo de Coimbra falando aos seus Padres: que o mundo pensa que eles são todos ricos; que têm mais do que precisam... que avaliassem esta apreciação com humildade e rectidão; que perdoassem se fosse injusta. O meu pensamento voou de novo para o Calvário e junto à cova do Padre Luís parecia-me ouvir o Padre Américo gritar: «Olha o grão de trigo morreu, e depois tanta flor, tanto fruto, tanta vida. Os que vão colher, os que vêm o fruto, os que colhem, os que se alimentam dele, os que passam, os que duvidam desse fruto! Que ocasionou tudo isso? A morte, a morte! Gosto dessa morte, porque espalha a Vida!» Era a semana da Paixão.

Padre João

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**QUINTA-FEIRA SANTA** — Cumprindo um velho convite de Pai Américo, na década de cinquenta, em Quinta-Feira Santa alguns dos nossos Pobres participaram nas cerimónias religiosas na nossa Capela. Presença que se mantém em memória do nosso Fundador que gostava imenso de ter com ele, aqui, os Pobres de Paço de Sousa.

Vieram alguns idosos, viúvas e um doente, a maior parte utentes de casas do Património dos Pobres, que ora estão a ser reestruturadas com os donativos que os nossos Leitores mandam para a nossa Conferência. Elas são as primeiras moradias que Pai Américo lançou, cuja Obra foi *chama* que semeou centenas de casas por todo o País.

**PARTILHA** — Abrimos a *proissão* com cinquenta euros do assinante 11676, do Porto, *que vem todos os anos até nós, nesta altura, contemplando, inclusivé, os nossos Pobres. Que Deus vos ajude.*

Sessenta e cinco euros do assinante 9790, que nunca deixa em branco os nossos Pobres em épocas festivas.

O assinante 9217, de Rio Tinto, presente com 32,50 euros e uma breve indicação da sua amizade: «*Não é preciso agradecer. Deus vos dê muita saúde para continuarem a vossa acção*».

Remanescente de cinquenta euros, do assinante 8506, de Vila Nova de Famalicão.

Um cheque de vinte e cinco euros, do assinante 53241, do Luso, para «*satisfazer a nossa contribuição relativa ao mês de Março. Como é habitual, a sua aplicação ficará ao critério das necessidades mais prementes, que são do vosso conhecimento*».

Outro cheque, da assinante 7769, do Porto, com cento e vinte euros.

Outro, do assinante 75292, de Bucelas: «*Não é necessário agradecimento nem recibo*». Cumprimos.

Mais um, da assinante 33275, do Porto, «*para pôr a minha assinatura em ordem e o restante será aplicado onde melhor entenderem. Votos de santa Páscoa com as melhores bênçãos de Jesus Ressuscitado*».

Cinquenta euros, da assinante 19148, do Porto: «*Gos-*

*tava que neste tempo quaresmal o meu espírito de renúncia, traduzido em euros, contemplasse a vossa sempre deficitária farmácia. Para os que procuram alívio medicamentoso aqui vai a minha modesta contribuição*».

«*Um cheque donativo*», vinte e cinco euros, da assinante 36078, de Coimbra.

«*Para agradecer uma graça, mais vinte e cinco euros para sufragar a alma de meu marido*», pela mão da assinante 24851.

Cem euros da assinante 20174, de Coimbra, para «*serem utilizados como melhor aprouver*».

Santa Páscoa para todos os nossos Amigos.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**SENHOR PADRE LUÍS** — No Domingo de Ramos, tivemos a triste notícia do falecimento do nosso Padre Luís.

É mais um amigo que no Céu implora a Deus por nós.

Chegou a nossa Casa às dezoito horas. Recebemo-lo com o coração e com as flores colhidas na nossa quinta.

Rezámos e velámos o seu corpo.

O funeral foi na segunda-feira, pelas dezasseis horas.

Agradecemos a presença dos senhores Bispos do Porto, de todos os Padres da Rua, dos sacerdotes amigos e outros que vieram para a última despedida.

**ESCUITEIROS** — Os escuteiros de Colónia, Alemanha, escreveram-nos uma carta muito amiga e mandaram uma nota de quinhentos euros. Foi uma boa acção. Recebam um «*alerta*» dos gaiatos.

Hlúdio Polónia

**DESPORTO** — Em 22 de Março, os Seniores deslocaram-se à Maia para defrontar o Arsenal F. C.. Mesmo estando a perder e jogando contra tudo e contra todos, conseguiram empatar. Com uma exibição de luxo, na segunda parte, Fábio, foi o herói do jogo, marcando os três golos que deram a respectiva igualdade.

Já os Iniciados deslocaram-se a Paços de Ferreira, onde foram excelentemente bem recebidos por toda a gente, sobretudo pelo senhor Meireles.

Um desafio nada fácil, apesar de termos ganho e de se ter conseguido o golo mais rápido da história dos Iniciados. Quando ainda só havia 1 minuto e 11 segundos de jogo, Abílio abriu o activo.

No final do desafio, fazendo de cicerone, o senhor Meireles mostrou-nos as instalações do Paços. Está tudo com muito bom gosto e muito bem organizado.

Em 23 de Março, os Seniores defrontaram um grupo de Escuteiros que esteve a passar o fim-de-semana cá em casa. Foi um jogo normal, onde a vitória não nos fugiu, apesar de muita força de vontade do nosso adversário. Um jogo sem casos, com a excepção do incansável «*Caneço*» estar dentro do campo e não se notar. Jogou bem, mas ao contrário do habitual, não foi barulhento e... só jogou à bola! Será que os Escuteiros o aconselharam a fazer a sua boa acção daquele dia no desafio? Se foi, cumpriu!

Em 29 de Março, os Iniciados receberam o F. C. Famalicão. Um jogo bem disputado, mas que teve duas partes completamente distintas. A primeira pertenceu ao Famalicão, por isso, viemos para o intervalo a perder por 0-2, em grande parte, por nossa culpa. Mas como para grandes males grandes remédios, ficou no balneário «*Teixugueira*» e «*Peixinho*», passando para central o «*Patrick*», entrando para o lado esquerdo o Licínio e o Luís Carlos para o lado direito. Mais tarde, saiu o Rolando e entrou o Agostinho e já muito perto do fim, entrou o Joel e saiu o Ricardo Filipe. No final do encontro o resultado estava a nosso favor, com 3 golos do Abílio que fez uma boa exibição. «*Russo*» foi um «*senhor*» durante todo o jogo, tendo marcado 2 golos, um dos quais... sem comentários. Agostinho, também fez o gosto ao pé com mais um bom golo.

Uma segunda parte de alucinante, sem «*vedetismos*» onde o trabalho e a humildade dos jogadores em campo, foi o tónico para chegarmos à vitória.

Alberto («*Resende*»)

## MIRANDA DO CORVO

**FÉRIAS** — As da Páscoa estão a acabar. As notas do segundo período já saíram. Estamos ansiosos para ver o fruto do nosso trabalho, no estudo.

**OBRAS** — As da piscina já terminaram. Agora está a ser testada para se saber se a cota de água é boa para mergulhar. As obras da parte central da Casa continuam o seu rumo, estão quase prontas.

**GADO** — Os nossos animais estão a ser bem tratados. Temos duas porcas para parir e uma ovelha que já deu um lindo carneirinho.

**INFORMÁTICA** — O Instituto Português da Juventude, de Coimbra, disponibilizou, para a nossa Casa, a oportunidade de vinte dos nossos rapazes aprenderem as bases da informática.

Eles dividiram-se por dois grupos de dez, e ambos os gru-



Uma plantação no sector agrícola da Casa do Gaiato de Moçambique.

pos tiveram dez horas de aprendizagem com uma professora muito simpática: a Ana Paula.

**PADRE LUÍS** — Faleceu no Domingo de Ramos. Era Padre da Rua há quarenta anos. Esteve na Casa do Gaiato do Tojal durante vinte e oito anos. Adoeceu. Suportou dez anos na Casa do Gaiato de Paço de Sousa e foi sepultado no Calvário.

**PÁSCOA** — Em nossa Casa fizemos festa por dois motivos. A entrada de mais dois rapazes para a família de Deus, depois de baptizados, que receberam pela primeira vez o Corpo de Cristo Salvador.

Como é habitual, recebemos o compasso em nossa Casa e beijámos Jesus na Cruz. A nossa merenda tinha muitas amêndoas e bolo foliar.

Agradecemos à família do senhor Fausto por nos oferecer, todos os anos, uma grande quantidade de bolos.

Adriano

## MOÇAMBIQUE

**CÓLERA** — A população vizinha está afectada por um surto de cólera. Diariamente dezenas de pessoas entram e saem das tendas. Os nossos professores e voluntários não se cansam em acudir. Desde as limpezas das tendas aos primeiros socorros. Há falta de tudo.

*Que Deus nos salve desta desgraça!*

**FOME** — À nossa volta está tudo seco. Este ano será um ano de muita fome.

Conseguimos alguns tanques com capacidade para cinco mil litros de água e estamos a motivar a plantação de estacas de mandioca, rama de batata doce,

socas de bananeira e viveiros de hortícolas na tentativa de daqui a alguns meses a população ter pelo menos folhas para fazer o caril.

**NOVOS INGRESSOS** — Semanalmente têm aparecido situações graves à nossa porta e mais um pedido.

Em 2 de Abril a nossa tia Maria chegou com dois rapazes, o Vasco com treze anos e o Júlio com oito anos; estavam abandonados, a viver conforme a sorte no interior de uma aldeia.

Olhar para eles é lembrar o nosso passado. Não temos lugar. Ficaram no nosso posto médico a fazerem tratamentos, pois o estado dos dois inspira cuidados.

**MAIS UM BEBÉ** — Chegou a nossa Casa, nos fins de Março, para o encaminharmos às Irmãs de Madre Teresa de Calcutá. É tão lindo que logo começou a andar de colo em colo. A tia Blanca está a cuidar dele no nosso Lar da Cidade, pois a história deste bebé é tão triste que logo nos comoveu. Já escolhemos um nome. Chama-se Gabriel Pedro. Que ele seja bem vindo e que todos nós aprendamos a respeitar e amar o próximo sem deixar saldos negativos.

**AGRADECIMENTOS** — O nosso agradecimento a todos que contribuem para o nosso bem estar e o bem dos nossos irmãos vizinhos. Aos nossos amigos da Associação do Jardim Zoológico, que deram cem rifas do Zoo (lotaria de um carro) a uma família amiga que veio trazer-nos arroz; à Caritas Moçambicana que tem sido incansável nesta epidemia de cólera fornecendo pulverizadores e material de limpeza; e à Comissão de Justiça e Paz que também tem apoiado no trabalho que os voluntários têm feito na Cadeia do Distrito. A todos muito obrigado.

**BRINCADEIRAS** — É preciso muito cuidado com as novidades que aparecem na nossa cabeça, às vezes trocamos com muita facilidade as coisas sérias pelas brincadeiras. Aqui, entre a juventude moçambicana, o álcool e o sexo, antes de estarmos preparados para a vida, têm deixado marcas grandes e sem concerto.

Fiquei preocupado com um grupo de colegas que estavam organizados para o desvio de algumas garrafas de estimacção que ficavam guardadas para momentos importantes.

Graças a Deus, descobrimos a tempo e juntos vamos tentar procurar a razão para tal. É de salientar que muitos de nós, antes de fazermos parte desta família, participávamos na confecção de bebidas tradicionais e até consumíamos para matar a fome.

**DESPORTO** — Estamos em fase de preparação para os jogos escolares. Além disso estamos a participar num campeonato da zona. A nossa equipa está a ganhar fama.

O nosso campo de futebol ainda não está pronto. É preciso muito aterra, começámos com os nossos atrelados, agora resta esperar que alguma empresa passe por aqui e olhe o nosso esforço. Precisamos de um espaço para treinos de futebol. O nosso campo é de futebol salão, vamos tentar fazer o que está ao nosso alcance.

**MEIO AMBIENTE** — Começámos a campanha de protecção ao meio ambiente. Anualmente, aqui, no nosso terreno, temos acompanhado, com tristeza e aflicção, repetidas queimadas. Este ano, diante de tanta fome e seca, um grupo de cinquenta homens, diarimante, vão ao nosso terreno fazer limpezas na certeza de que nesse mês terão alguma coisa para

## SETÚBAL

## O sistema escolar

A Escola continua a ser uma das nossas principais preocupações. A falta de motivação para o estudo de alguns dos nossos rapazes, leva-nos a procurar um conjunto variado de soluções, nem sempre eficazes.

O sistema escolar vai procurando encontrar, de forma envergonhada, alternativas para alguns alunos, com orientação para aprendizagem profissional. Temos verificado entre nós, casos de reanimação para a participação escolar em rapazes que seguem esta via, com a obtenção de claro aproveitamento.

É certo que as situações do passado não se repetem, por variadas razões. Mas se este é um caminho escolar que poderia motivar muitos alunos, porque não usar de alguma humildade, em rela-

ção aos êxitos do passado, e reformular, ao menos, as experiências das antigas escolas técnicas? Quantas e quantas opiniões foram já formuladas neste sentido! Os resultados com um grupo dos nossos, diz-nos que valia a pena.

Embora outras entidades o possam fazer, o ambiente de escola na escola, ainda é o mais indicado para os mais jovens, pois esse é o local que lhes é próprio para a aprendizagem.

Temos outros rapazes cuja motivação é, apenas, a participação no convívio escolar com as colegas. De tal maneira que, a obrigatoriedade de ir à escola todos os dias e até aos 15 anos, não se nos põe a questão da conclusão do nono ano, é algo que lhes agrada, mas de que nada resulta para o seu aproveitamento. São idades em que o tempo ainda é algo inconsciente, e

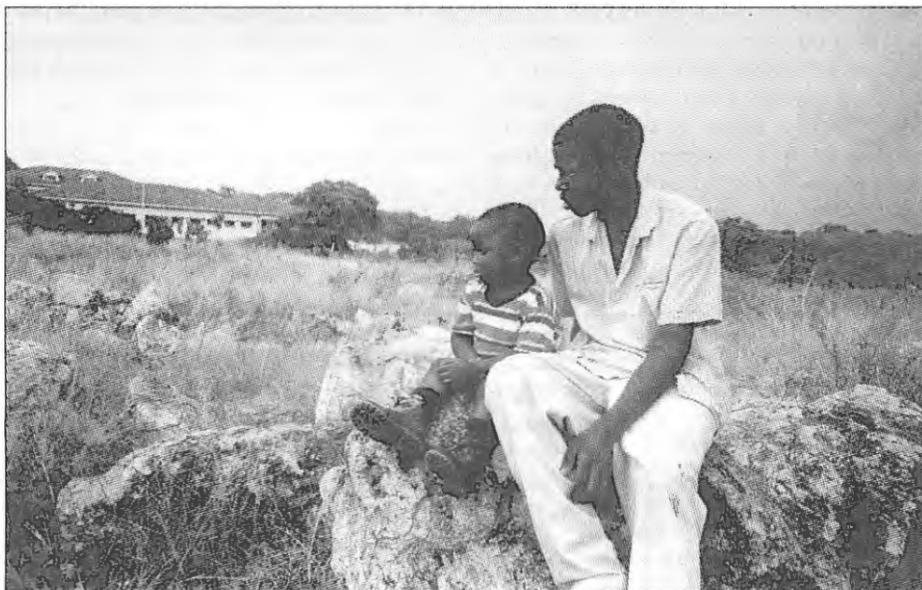
ainda mais o imperativo que este traz, de se fazer aquilo que é devido em cada fase da vida.

Falar-lhes de futuro, é algo ainda menos palpável. Falar-lhes de vidas perdidas pelo mesmo desleixo que eles agora estão a ter, talvez possa fazer-lhes abrir os olhos. Quero crer.

Os problemas hoje são tão variados, tal como as medidas que se tomam para os tentar resolver. Não será que muitos deles existem porque foram criados por idealismos e não por necessidades decorrentes da época histórica que se vive? Será que algum dia haverá coragem para pôr o dedo na ferida e simplificar a organização escolar, adequando-a à realidade?

Se não for o caso de rapazes com capacidade para maiores voos na vida, dar-lhes formação capaz de lhes garantir uma posição útil e estável na vida em sociedade, é meio caminho para os tirar no futuro do banco dos réus ou de uma vida viciosa e sem valor humano. Saber e saber fazer, não ocupam o lugar um do outro.

Padre Júlio



Terreno pedregoso e desnivelado onde se pretende construir o campo de futebol.

## MOÇAMBIQUE - por Joaquim Gomes

## Domingo de Ramos

MAL se via. A chuva cai e toda a Comunidade se encaminha para a montanha onde toma lugar para o início da Procissão de Ramos. São seis horas quan-

do o Padre Jaime chega, para logo iniciar as cerimónias deste grande dia. As gargantas, ainda mal lubrificadas, demoram o bom funcionamento das cordas

vocais, mas, aos poucos, os lindos cânticos vão saindo harmoniosamente.

Foi uma Quaresma vivida na procura da partilha, o jejum das sextas-feiras foi o não haver pão às refeições. Pão esse que foi para uma aldeia, relativamente próxima de nós, privada economicamente de o adquirir. Não houve imposição, mas,

comer. Vinham tão esfarrapados e sem calçado que, logo achamos que, para enfrentar tantas micanhas era melhor protegê-los. Oferecemos alguma roupa e calçado. A alegria foi tão grande! Deus recompense a todos os que contribuíram para fazer chegar estas roupas e este calçado.

**APOIO** — Nos dias 29 e 30 do mês de Março, fim-de-semana, esteve connosco a professora Rosa. Os nossos «Bata-tinhas» tiveram uma autêntica festa, pois recrearam o suficiente. Eu, pessoalmente, fui aluno dela na terceira-classe. O gesto dela animou-nos bastante. Descobrimos que apesar das nossas dificuldades e limitações há quem olhe para nós com sensibilidade. A ela o nosso muito obrigado!

Casimiro Manhisse

## SETÚBAL

**RAPAZ NOVO** — Chegou cá a Casa um rapaz, o Ivanoel. Tem dez anos e está integrado no grupo da limpeza. Ele gosta de estar cá e de jogar a bola, à apanhada, às escondidas e matraquilhos.

**CAMPO** — Os rapazes andaram na apanha da ervilha e da hatata nova. Juntamente com os borregos que o sr. João nos deu, fizemos o nosso jantar de Quinta-feira Santa. Também anda um grupo na silagem da cevada que o Amândio corta com o tractor e o João Correia transporta para os silos.

**RETIRO** — Um grupo de rapazes esteve na nossa Casa de Férias da Arrábida, orienta-

dos pelo Padre João, do Seixal, a reflectir, a rezar e a conviver. Decorreu bem, como se esperava, e todos aproveitaram esta oportunidade para crescer e encarar melhor o futuro.

**FESTAS** — Os rapazes continuam a ensaiar para as primeiras Festas que se aproximam. Ainda não podemos dar as datas, pois ainda não estão marcadas com dia definitivo. Cada um vai tomando conta das suas responsabilidades, de maneira a que tudo funcione correctamente.

**ESCOLA** — Começou o terceiro período e os rapazes têm agora a última oportunidade para mostrar o que valem. O segundo período, em geral, foi mais fraco que o primeiro. Esperamos que no final deste ano as coisas corram bem.

António Loureiro

sim, uma aceitação consciente de toda a família gaiata.

Findos os noventa dias que me deram de estada em Maputo, duas coisas me levam a partilhar convosco, para além da alegria que se sente ao chegar e da tristeza que se vai apoderando de nós com o próximo regresso a Casa.

Alguém com grande responsabilidade na Província de Maputo dizia, há dias, com magna e muita convicção quando soube do estado de saúde do nosso Padre José Maria:

— O Padre José Maria é, para nós, um símbolo e um marco na nossa História.

Todos os dias sou abor-dado por pequeninos e grandinhos:

— Papá, como está e quando vem? O senhor Padre vem esta semana?, temos tantas saudades dele...

Já nos conhecemos há muitos anos, temos uma grande vivência, mas este tempo, aqui passado, levou-me a outras descobertas. O viver na simplicidade, na entrega apaixonada aos

## Associação dos Antigos Gaiatos de Lisboa

É com grande prazer que vos transmito a palavra através do *Famoso*.

No passado dia 5 de Abril fizemos uma noite de fados onde homenageamos algumas pessoas que nos ajudam no nosso dia-a-dia. Correu tudo muito bem. fomos elogiados tanto pelos fadistas como pela assistência. Será que vai haver próxima? Quem sabe, se houver mais participação da nossa comunidade. Queria só aqui deixar um agradecimento especial a quem nos tem presenteado ao longo dos últimos três anos com aquilo que é especial «o Fado» assim, aos

## Correspondência dos Leitores

«De novo aqui estou para contribuir com pouquíssimo (é certo!) para que o vosso Jornal seja sempre aquela luzinha que nos faz percorrer o caminho (cada vez mais escuro) até sermos verdadeiramente felizes na pobreza de Deus.

Todo o progresso destes últimos anos parece, por vezes, apontado em só procurar o mal!...

Cada vez há mais técnicos, mais informação, mais conforto (para alguns) mais prazer(?) na busca insaciável de tudo experimentar...

Será isto tudo o verdadeiro caminho do Homem?

As notícias são sempre só de maus exemplos que deveriam apenas ser lidas e passadas à frente, para mostrar, então, com grande abertura as coisas boas que se fazem. Tantos jovens cientistas, que colaboram em inúmeras actividades e que usam o seu próprio esforço para crescer no Bem?

Desculpai este desabafo, mas rejeito realmente os deuses de pé de barro que nos querem "impingir".

Assinante 28807»

«Com muita amizade mando cem euros para o Jornal, que tanto apreciamos, para que continuem as actuais assinaturas. Que Nosso Senhor vos encha de alegrias para que a vossa Obra vá por aí, servindo de exemplo.

Uma Leitora»

outros, no amor e respeito por cada um, no desinteresse total de si mesmo, tem todo o reconhecimento de quem se dá. Os desígnios de Deus são incompreensíveis para o homem, tudo não passa de uma pequena provação. Ele é misericórdia...

Deixo esta grande Família com imensa preocupação por se tratar de uma necessidade premente. Pai Américo quando pensou construir uma aldeia para os seus Rapazes no centro estava um campo de futebol. Esta também o tem, na planta geral. Mas quando as habitações já vão sendo reparadas e pintadas o dito está como nasceu na mente dos obreiros e do arquiteto — virgem.

O terreno escolhido é muito pedregoso, com desnivelamento acentuado que obriga a um aterro de milhares de metros cúbicos. Onde as máquinas, camiões e uma empresa que queira partilhar connosco, alguém que tenha algum dinheiro e o queira ver bem empregue, uma Nação, um Governo, umas migalhas da organização do Euro2004, os cra-

ques com disposição de abdicar de algum prémio.

São cento e sessenta rapazes dos quatro aos vinte e quatro anos que, iguais a todos os outros, para além das suas obrigações diárias de estudo e domésticas, do comer e do dormir, adoram jogar a bola. É um lamento constante: — Quando teremos o nosso campo de futebol para treinar e receber outras equipas em nossa Casa? Com toda a família gaiata a apoiar e a vibrar... — É o grito destes rapazes moçambicanos.

O maior sofredor é o Padre José Maria que tem este enorme fardo sobre os ombros desde o dia que sonhou com esta Aldeia.

Se estas crianças e jovens, os sem-nada nem ninguém foram capazes de tamanho jejum, aqueles que tantas vezes gastam milhares em ninharias supérfluas não serão capazes de fazer mais?...

Já agora, tu que gostas mais de natação e de desportos ligados à piscina, se quiseres ir pensando no projecto que está ligado ao conjunto, podes avançar na procissão.

fadistas: Alberto Correia, Minda Fernandes, Toni Pais, Sofia Glória, Orlando Félix, Elisabete Rodrigues, Mário Rodrigues, Flora Silva, Silvino Jorge, Filipe Araújo, José Cas-

tro, Nuno Seiole. Guitarra: Jorge Mata. Viola: Victor Tiago. Apresentação: Henrique Chalana, o nosso muito obrigado.

Luís Miguel Fontes

## PENSAMENTO

A Humanidade está farta de sangue que não é o da Cruz.

PAI AMÉRICO

# Benguela

**Tombou  
mais uma árvore gigante**

**N**A lavra da Obra da Rua. Foi o Padre Luís. A sua sombra de vicentino, antes de ser padre, cobriu as necessidades dos Pobres. Foi a paixão pelos pobres e filhos abandonados que o levou ao sacerdócio, na entrega total da sua vida à vocação do amor. A Obra da Rua foi o seu campo de trabalho. Que o Pai do Céu tenha fecundado os últimos anos da sua existência, vividos de mãos dadas com a doença e dê vocações para a Obra da Rua, se for da Sua vontade. Que o Padre Luís, agora no seio do Pai, interceda pelos que ficaram.

**Angola ainda é  
um País de deslocados**

**S**ÃO aqueles que vieram das terras da guerrilha. São aqueles que deixaram a sua terra natal e foram para outra diferente. Numa palavra, todos os angolanos se sentem deslocados porque todo o País e suas instituições foram abaladas pela guerra. É o resultado da reflexão dos Bispos de Angola em sua reunião anual.

Desde a primeira hora do reinício da nossa actividade quisemos ser a Casa de Família não só dos filhos sem nada e ninguém, mas também de centenas de homens

e mulheres à busca de lugar seguro. Temos sido para todos o pão, o trabalho, a habitação, a escola para os filhos e mães, a saúde e, sobretudo, a esperança de um dia regressarem às suas terras. Oh, quem dera! Estamos no meio do povo e queremos caminhar com o povo. A Casa do Gaiato ouviu muitas vezes falar no nome de Mãe.

Escrevo estas notas em segunda-feira de Páscoa. A alegria da Ressurreição anda ligada indissolúvelmente ao compromisso efectivo e afectivo com a gente mais pobre e abandonada que está connosco. Oiço ainda as canções da meia centena dos mais pequeninos do infantário com o pão e o copo cheio em suas mãos. São crianças felizes que vivem os frutos da festa da Páscoa. Vejo as centenas de homens e de mulheres com cestos à cabeça, rodeados do necessário. Alegrai-vos todos connosco! Esta é a maneira de reconstruir a unidade na fraternidade. É a nossa ajuda.

Uma guerra cruel dividiu e pôs em luta, durante muitos anos, os filhos da Pátria angolana. Cada um tem valor e tem direito a viver com dignidade na sua terra, independentemente da filiação partidária. A causa da Paz está em primeiro lugar. Desde o princípio, até ao momento presente e sempre, a Casa do Gaiato foi e será a Casa comum de todos os que lhe batiam e chegam à sua porta. A paz depende da harmonia e da realização pessoal que todos possam alcançar. O acesso à escola, em todos os níveis, é uma porta segura aberta para o futuro. Desde a primeira hora, a Casa do Gaiato tem investido uma parte importante das suas economias neste sector, para que os de dentro e os de fora possam entrar na vida com confiança. Também aqui construímos a paz.

A Nota dos Bispos de Angola põe a edu-



O largo do Cruzeiro

cação em lugar prioritário. Chama-lhe o grande cavalo de batalha, nesta época de desenvolvimento. Fala num plano especial de emergência para o acesso universal à educação ou, pelo menos, à alfabetização. Mais, a Igreja Católica dedica este ano de 2003 à educação. Sentimo-nos felizes por juntarmos no mesmo barco em que, desde sempre, a Casa do Gaiato vem a navegar.

A situação de grande parte dos deslocados continua aflitiva. Há uma grande multidão que vive com problemas gravíssimos de penúria alimentar, subnutrição, falta de assistência médica e medicamentosa. A vida dos civis que se deslocam de zonas de guerra para as povoações, sem qualquer apoio oficial, é dramática. Alimentam-se de frutos silvestres e nada mais. O problema dos deslocados continua, em grande parte.

Partilho convosco as dores das crianças e

dos pais deste Povo, em pleno tempo de Páscoa. Sim, a festa da Páscoa chama-nos à alegria. Porém, não a uma alegria qualquer. Não podemos furtar o nosso corpo e o nosso olhar à realidade, por mais triste e dolorosa que seja. Não podemos deixar de sentir as dores, o desprezo, as privações e as injustiças de quem quer que seja. A Ressurreição de Cristo não nos faz pedras insensíveis. Sim, se temos Fé, veremos as coisas de outra maneira. A Páscoa será fonte de alegria e paz, tanto mais pujante quanto maior for a fidelidade à vocação de serviço aos outros a que todos são chamados.

Antes de terminar quero dizer à nossa amiga «anónima» de Famalicão que o cheque chegou bem. Já está no seu lugar.

Continuação de Páscoa alegre e cheia de Paz.

Padre Manuel António

## O «Grilo»

**Q**UERERIA dar novas de vida neste Domingo da Ressurreição em que estou escrevendo. Passaram dois meses sobre a notícia aqui saída e a esperança que então me animou de que teríamos homem, «com vontade forte, que a ele e a nós servisse de apoio e de motor» em busca de um rumo.

Sei que estas notícias personalizadas despertam a atenção e alimentam também a expectativa de muitos dos nossos Leitores, para quem O GAIATO é ponto de encontro e ocasião de partilha de sentimentos. Por isso me sentia no dever de dizer algo sobre o actual estado da questão. E particularmente o devia ao irmão do «Grilo», o qual, recluso no Estabelecimento Prisional de Portimão, lê O GAIATO (Quem dera assim fizessem muitos em Estabelecimentos idênticos em todo o País, aonde o jornal chega!) e logo me escreveu:

«É com enorme alegria que lhe escrevo esta carta. Alegria esta devida ao facto de saber que o meu irmão o «Grilo» se encontra em liberdade e que procura ajuda junto de vós.

É sempre uma boa notícia saber dos nossos familiares principalmente quando se julga que esses laços se perderam para sempre, como é o nosso caso. Penso que só Deus poderia fazer com que o meu irmão vos procurasse para que eu aqui, neste fim do mundo, soubesse finalmente alguma notícia sobre o paradeiro do meu irmão. Sinto embora, muito pesar por saber que muito dificilmente o meu irmão, tal como eu (filhos da rua), algum dia encontrará o caminho certo, pois os dias que vivemos são difíceis e cheios de espinhos e só com uma grande fé em Deus nosso único Pai, poderemos caminhar sem sentir dor.

Jamais esquecerei as suas palavras que só podem ser ditas por quem

conhece bem a verdade sobre quem está só e se sente perdido neste mundo.

Um grande abraço para todos os gaiatos e que tenham junto de vós a paz, uma paz divina e que tenham juízo.

Do vosso amigo e igual, Márcio André.»

Só que fosse pela alegria proporcionada ao Márcio André — que bom ter publicado a notícia que lhe provocou! E que melhor seria ainda poder contar-lhe hoje os passos dados no sentido do tal rumo! Mas não posso. O «Grilo» não apareceu mais e continua no mesmo ser em que o Lando o encontrou aquela noite; e continua a encontrá-lo, aproveitando sempre, para o estimular a uma reviravolta na sua vida. Eu próprio o vi uma noite. Prometeu procurar-me no dia seguinte; mas não veio... e já passaram muitos dias.

É um mistério, o homem! O Márcio

André está em condições de o compreender melhor e por isso tempera a alegria de saber do irmão, com o seu sentido de realidade: «Sinto embora, muito pesar por saber que muito dificilmente o meu irmão — tal como eu filhos da rua — algum dia encontrará o caminho certo.» Mas deixa uma pista: «Só com uma grande fé em Deus, nosso único Pai, poderemos caminhar sem sentir dor!»

Acaso o teor de vida de um homem de rua pode ser «um caminhar sem sentir dor»? Se não é, pois será essa dor o grande desafio para reforçar a fé em Deus e juntar-lhe uma grande vontade própria. Esta é a nossa lógica. Mas temos de confessar a nossa dificuldade em entender a lógica deles!

O nosso obrigado ao Márcio André pela saudação e votos dirigidos aos nossos Rapazes. Sim, que eles «tenham juízo» e aprendam a aproveitar a paz possível que têm ao seu alcance, para «a paz divina» que só essa é a verdadeira Paz.

Padre Carlos

## ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

Foram vinte e oito anos de vida completamente dedicada a esta Casa. Momentos de muita alegria, mas também muitos momentos de dor vividos na fé e na esperança que, para não ser derrotada, se alicerçava no Ressuscitado.

Ao rezarmos por ele, fazemo-lo numa atitude de acção de graças a Deus por esta vida que conhecemos. Pedimos que, na Sua misericórdia se lembre dele e lembramos ao nosso Pai todos aqueles que ele acarinhou e amou.

Padre Manuel Cristóvão

## DOCTRINA

Óleo de figado  
de bacalhau



**C**OMO em outro lugar se publica, anda quase por meia pipa o óleo que recebemos; e à sombra dele, veio também algum bacalhau. A palavra de comando saíu de «Alguém» de Ílhavo, terra de homens do mar, que se conhecem à légua pela cor, pelo desassombro, pelo coração. Havemos de tentar distribuir pelas crianças rurais das terras de Miranda do Corvo e de Paço de Sousa e dizer à gente do campo que a oferta do precioso alimento é da gente do mar. Não sei que mal trago comigo que, por mais que veja o cintilar das rodas sociais, antes me quero com a gente de humilde condição.

**O**UTRO dia era a hora do rápido. Chusmas de figurinos elegantes diziam adeus. Ao lado, em direcção ao comboio de Aveiro, passa um grupo de mulheres do Caramulo, de saia rodada e capucha estendida sobre os ombros. Entrei na carruagem e sentei-me à beira delas. Foi um banho de verdade. Não havia ali nada fingido. Quis beijar-lhes as mãos ásperas, mas tive medo que me prendessem e não o fiz. Daqui saúdo as gentes do campo e do mar, pobres que remediavam pobres e sabem inferir das injustiças do Mundo o sentido da Vida Eterna e hão-de receber justiça das mãos do Justo Juiz.

*D. António S.*

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol.)